

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



BAIÃO, António Eduardo Simões (Ferreira do Zêzere, 1878 – Lisboa, 1961)

António Baião nasceu a 10 de Outubro de 1878 em Alqueidão de Santo Amaro (concelho de Ferreira do Zêzere) e morreu em Lisboa a 21 de Maio de 1961. Era filho de António Simões Baião e de Emília Cotrim de Carvalho Baião, proprietários.

Fez os seus estudos primários na terra natal, os secundários no colégio jesuíta de São Fiel (Louriçal do Campo) e em Santarém. Frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, formando-se como bacharel a 12 de Junho de 1900, com 22 anos incompletos. No período de 1894 a 1900, em que estudou em Coimbra, foi contemporâneo de Emídio Navarro, de Afonso Lopes Vieira e de Laranjo Coelho. Exerceu o cargo de professor do ensino secundário em Santarém, de 1900 a 1902.

Porém, a sua existência intelectual só verdadeiramente se inicia a partir de 18 de Dezembro de 1902, dia em que ingressou no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, por nomeação como segundo conservador (Raúl Rego, «O Dr. António Baião», in Arnaldo Henriques de Oliveira, *Catálogo da... biblioteca do Dr. António Simões Baião...*, p. III).

Durante quase meio século, de 1902 a 1948, a vida de António Baião vai estar estreitamente interligada com a da Torre do Tombo. É aí que nasce enquanto investigador e erudito e que rapidamente vai ascender a primeiro conservador e à direcção da instituição, respectivamente a 23 de Junho de 1906 e a 10 de Março de 1908. Nos anos seguintes, publica estudos sobre Herculano e sobre o Visconde de Santarém, os quais pesaram na sua admissão como sócio correspondente (1913) e efectivo (1920) da Academia das Ciências de Lisboa; admissão essa para a qual contaram os pareceres assinados por Gama Barros, Leite de Vasconcelos, David Lopes e Cândido de Figueiredo.

Chegou, durante as décadas subsequentes, a vice-secretário geral da Academia das Ciências e a director dos *Portugaliae Monumenta Historica*. Sócio fundador da Academia Portuguesa de História, refundada em 1936, nela assumiu funções de 2º vice-presidente, 1º vice-presidente e presidente interino. Acrescente-se ainda que durante alguns anos acumulou as funções de director do arquivo nacional com as de auditor administrativo do distrito de Lisboa e de professor do ensino técnico.

É no contacto directo com os documentos e na organização de materiais históricos (sobretudo os dos cartórios da inquisição), muitos deles entrados no arquivo da Torre do Tombo em vagas sucessivas, que Baião vai desenvolver um apurado espírito metodológico, crítico e arquivístico indispensável para as suas pesquisas. Enquanto responsável máximo do arquivo histórico central português, conhecedor profundo da



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

sua história institucional e documental e sócio da Academia das Ciências, prosseguiu esforços anteriores de publicação de inéditos e de interpretação e valorização dos corpos documentais existentes na Torre do Tombo. Esforços esses já presentes em guardas-mores como o visconde de Santarém e o Cardeal Saraiva, em historiadores como Francisco Varnhagen e Alexandre Herculano e em diplomatas como João Pedro Ribeiro. Disso nos dão provas as páginas que escreveu com Pedro de Azevedo numa obra sobre o arquivo, cujo subtítulo «Sua história, corpos que o compõe e organização» não menciona o seu afã pessoal em dar a descobrir uma imensa massa de monumentos, de que se constituiu fiel depositário e cronista entusiasta.

De forma complementar, evidenciou-se com os seus estudos sobre a inquisição e sobre os perfis de vários dos seus antecessores à frente da Torre do Tombo, especializando-se no que designou como a infância da Academia (sobretudo a acção de João Pedro Ribeiro) e na obra histórica de Alexandre Herculano. Para tal, serviu-se dos acervos da Torre do Tombo e da Academia das Ciências, bem como de papéis pessoais de Herculano. De novo, como que aponta para essas figuras setecentistas e oitocentistas, cruciais no surgimento de uma ciência histórica, muito enriquecida pela paleografia e pela diplomática, como exemplos vivos para o século XX.

No meio de uma extensa bibliografia, de que se destaca um juvenil livro de poesia (1896) e o primeiro trabalho histórico, dedicado ao iluminador Duarte Fernandes, no *Arquivo Histórico Português* de Anselmo Braamcamp Freire (1903), podem enumerar-se quatro géneros de trabalhos.

São eles os pareceres académicos, como os que escreveu a propósito da entrada de Fortunato de Almeida e de Martinho da Fonseca na Academia das Ciências, em 1917 e 1921; catálogos de livrarias, como as do visconde de Santarém (1913), Pedro de Azevedo (1919) e Jaime Moniz (1922); e o elogio histórico do seu antecessor na cadeira de sócio efectivo da Academia das Ciências, o mesmo Braamcamp Freire (1925). Por fim, o perfil e acção de vários guardas-mores e historiadores na Torre do Tombo: os de Damião de Góis, Manuel da Maia, visconde de Santarém, cardeal Saraiva, Herculano, Varnhagen e Gama Barros, trabalhos esses que se estendem cronologicamente de 1909 a 1949 e que fazem sobressair a entrega dessas figuras à preservação documental e aos estudos históricos.

Deste modo, podemos ter uma pálida ideia da vivência e profunda dedicação à vida académica e à investigação a que se entregou António Baião, ao ponto de Raúl Rego dele dizer, em 1967, que «para as gentes do século XX o Arquivo Nacional é António Baião» e que na Torre do Tombo e nas duas academias de que foi dirigente sempre se pautou por uma «direcção calma, acção serena» («O Dr. António Baião», *ibidem*, p. IV).

É também no denso catálogo da sua livraria, composto por quase 3300 espécies (infelizmente dispersas em venda pública), que podemos ver o complexo mundo de interesses intelectuais e sociabilidades académicas de Baião, para quem a erudição, a paleografia, a diplomática e as fontes portuguesas parecem não ter conhecido segredos.

Com mais propriedade poderá ser apelidado de investigador do que de historiador - talvez na senda de um dos seus mestres, Braamcamp Freire, que recusou esta última designação. António Baião localizou, ordenou, publicou e confrontou textos e edições, mais do que elaborou conceitos e delineou interpretações



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de factos à luz da ciência histórica. Nele, o documentalista, o erudito e o arquivista raramente se atreveram a inovar, a buscar a síntese dos factos e das leituras subsequentes dos mesmos. Esse seria o trabalho de outros, em momentos posteriores e munidos de outra utensilagem e propósitos científicos.

Os trabalhos de Baião fundam-se num conhecimento aprofundado da documentação, na evocação sapiente dos contextos, das mentalidades e dos personagens. Constituem marcos decisivos nas temáticas abordadas, como as dos primórdios da expansão no Índico, dos processos inquisitoriais e dos trabalhos de historiadores e diplomatas portugueses.

Porém, não ultrapassou uma determinada limitação factualista, o que é visível, por exemplo, no seu contributo para a *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, de que foi um dos directores. Na vintena de páginas dedicadas à governação de D. Francisco de Almeida, de Afonso de Albuquerque e de D. João de Castro, limitou-se a reproduzir o essencial dos factos e das transcrições presentes em bibliografia que ele próprio dominava, remetendo, aliás, para as obras da sua autoria (*História da Expansão Portuguesa no Mundo*, vol. II, 1939, capítulo IX, pp. 101-127). O mesmo sucede nos volumes de *Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa*, nos quais procura narrar as desventuras de figuras da cultura nacional com o Santo Ofício, sem, contudo, ultrapassar um registo por vezes quase anedótico: veja-se o que escreveu, no volume I, sobre «O filho do cronista Rui de Pina» e sobre «O cónego e poeta Baltasar Estaço» (Lisboa, Seara Nova, 1972 (1ª ed. 1919), páginas 17-19 e 63 e ss.).

Ao contrário de outros eruditos e documentalistas portugueses anteriores - João Pedro Ribeiro, José Agostinho de Macedo, Inocêncio Francisco da Silva e Teófilo Braga - Baião não parece ter cultivado nem tido o gosto da polémica, da conflitualidade epistolar ou pública. Fez parte de um movimento colectivo de reencontro e de redescoberta da cultura e da ciência histórica nacionais com os factos, documentos e figuras do passado, movimento esse no qual parece ter-se integrado na perfeição; aparentemente indiferente aos regimes que fora do arquivo e da academia se sucediam - monarquia, I República, Ditadura Militar, Estado Novo. Enfim, conviveu intelectualmente com os seus antepassados e predecessores académicos e com os seus pares e contemporâneos dedicados às mesmas labutas.

Há, porém, que não olvidar o seu papel de precursor de figuras de historiadores da historiografia como Joaquim Veríssimo Serrão e António Henrique de Oliveira Marques. Baião terá sido um dos investigadores que no seu tempo mais se distinguiu nesta área, sobretudo no que diz respeito aos seus contributos para o conhecimento dos historiadores e das obras dos anos que medeiam entre 1834 e 1877. Nos seus estudos bio-bibliográficos sobre João Pedro Ribeiro, visconde de Santarém, cardeal Saraiva, Herculano, Varnhagen e Costa de Macedo, abunda muita informação factual e documental, tanto mais importante quanto algumas destas figuras - Ribeiro e Costa de Macedo, por exemplo - continuam, actualmente, a não ter um estudo integrado dos respectivos percursos, pensamentos e obras. Mesmo daquelas figuras que foram objecto de reflexão historiográfica e cultural não existe, ainda, uma análise comparativa de sociabilidades e de divergências metodológicas e políticas, entrecruzadas e dissecadas. Reflexão essa que imperativamente terá de se basear (entre vários outros) no labor de António Baião.

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia activa: com Pedro de Azevedo, *O Arquivo da Torre do Tombo. Sua história, corpos que o compõem e organização*, Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Livros Horizonte, 1989 (1ª ed. Lisboa, Academia de Estudos Livres, 1905); *Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa*, 3 vols., várias edições (as primeiras de 1919, 1924 e 1938); *A Infância da Academia (1788-1794). Visita aos arquivos do reino: correspondência a tal respeito de João Pedro Ribeiro, Santa Rosa de Viterbo, etc.*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934; «A política de D. Francisco de Almeida, de Afonso de Albuquerque e de D. João de Castro. Outros governadores e vice-reis de mais eficiente acção (1505-1580)», *História da Expansão Portuguesa*, vol. II, Lisboa, Editora Ática, 1939, capítulo IX, pp. 101-127; *Gama Barros e a sua grande colaboradora*, Coimbra, 1949 *Herculano Inédito*, Lisboa, 1955 (separata das *memórias da Academia das Ciências de Lisboa*) e *Herculano Inédito. Quadros biográficos do grande historiador (dezassete)*, separatas da revista *Ocidente*, do mesmo ano.

Bibliografia passiva: «Baião, António Eduardo Simões», *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa/Rio de Janeiro, vol. 3º, pp. 1031-32; Arnaldo Henriques de Oliveira, *Catálogo da importante e interessantíssima biblioteca do Dr. António Simões Baião... prefaciado pelo distinto jornalista e bibliófilo Dr. Raúl Rego*, Lisboa, s.d. [1967]; *Elogio do Dr. António Baião*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1969.

Daniel Protásio



APOIOS:

